

O JORNALISMO CIDADÃO NAS PLATAFORMAS DE REDES SOCIAIS E SEUS NOVOS PARADIGMAS

CITIZEN JOURNALISM ON SOCIAL NETWORK PLATFORMS AND ITS NEW PARADIGMS

Arthur Roberto Meneses Maximino,
Rosa Maria Diekn de Queiroz

RESUMO

Este artigo é uma revisão de literatura de três publicações que tratam sobre o novo contexto do jornalismo cidadão e sobre as implicações das plataformas de redes sociais, constatando, ao término dessas leituras, sobre os novos paradigmas encontrados pelo jornalismo cidadão nas redes sociais e em como essa prática influencia o corpo social dentro de uma nova forma de comunicação que se associa ao mundo virtual para a construção de uma realidade coletiva em busca de fatos.

Palavras-chave: Jornalismo Cidadão; Tecnologias da Informação e Comunicação; Plataformas de Redes Sociais.

ABSTRACT

This paper is a literature review of three publications which behave toward the new context of citizen journalism and the implications of social network platforms, noticing at the end of these reading sessions, the new paradigms created by the citizen journalism on social networks and how such practices associates to the virtual world by developing a new collective reality of pursuing facts.

Keywords: *Citizen Journalism; Information and Communications Technologies; Social Network Platforms.*

INTRODUÇÃO

As mudanças provocadas pela web, especialmente pelas redes sociais, que criaram um novo veículo para a comunicação e interação entre os indivíduos de uma sociedade, transformaram drasticamente o entender e o fazer jornalístico. A indústria desse meio, como um todo, deparou-se, à época, com um novo paradigma de como manter-se viva em meio a tamanhas transformações em todos os seus campos existentes, que modificaram tanto o papel do jornalista, como o papel do leitor (BRUNS, 2018).

Bruns (2018), ao construir uma análise histórica da web, afirma que redes sociais anteriores às da atualidade, como o MySpace ou o Friendster, não representavam ou davam aos críticos previsões sequer mínimas aos impactos gerenciados por redes sociais de alcance global, como o Facebook ou o Twitter. No

entanto, um pouco do que poderia ser de fato previsto com a relevância dessas redes sociais anteriores seria o surgimento de ferramentas e espaços independentes para a publicação de notícias e seus respectivos espaços para discussão e comentários por parte de suas audiências e de outros autores, além de um ambiente propício à veiculação jornalística, numa variação que ia de blogues de notícias individuais até websites voltados à prática do jornalismo cidadão. Ainda assim, as anteriores, embora possibilitassem a comunicação entre a audiência e os seus autores, mantinham esse contato majoritariamente limitado e manual, pois era necessário o trabalho e boa vontade dos autores em fazer essa ponte entre outros autores e acompanhar os comentários vindos de suas audiências. O que, graças a esse mecanismo manual, possibilitava até mesmo aos autores manterem-se ativos em seus blogues mesmo sem fazerem nenhuma dessas ações proativas frente a outras entidades do ambiente jornalístico. Diferente disso, o novo conceito aplicado nas redes sociais contemporâneas possibilitou o engajamento inerente à plataforma, trazendo a interação de todo esse corpo social em funções como likes, follows, compartilhamentos, comentários e feeds em uma vasta e complexa rede de comunicação.

Por fim, as alterações causadas pelas redes sociais vigentes, ainda segundo Bruns (2018), embora tivessem modificado o panorama jornalístico, não significam que o extingiram ou tornaram-no mais raso. Essas alterações do novo fazer jornalístico, agora independente, cidadão e espalhado em diferentes e complexas redes sociais e de websites também foram agregadas às práticas do jornalismo tradicional. A cultura do compartilhar, da busca por novas notícias nas redes e outras atitudes provenientes do jornalismo cidadão e das redes sociais são, hoje, elementos incorporados pela modalidade tradicionalista do jornalismo.

Este artigo de revisão de literatura visa apresentar três publicações acadêmicas com o intuito de informar sobre o jornalismo cidadão praticado na web e suas implicações sociais. A primeira, escrita por Apuke e Ayih (2019), realiza um estudo sobre como as práticas do jornalismo cidadão presente em meios digitais, nas comunidades rurais da Nigéria, podem contribuir consideravelmente, em um sentido majoritariamente social e democrático, para essas comunidades. Na segunda, escrita por Allcott e Gentzkow (2017), apresenta-se um estudo sobre as *fake news* veiculadas em redes sociais, principalmente nas ferramentas em que o jornalismo cidadão é presente, como no Facebook, e como elas podem influenciar a sociedade e quão

persuasivas podem ser, ao ponto de, até mesmo, terem alterado o rumo da eleição presidencial de 2016 nos Estados Unidos. E, por último, Zeng, Burgess e Bruns (2019) avaliam como o jornalismo cidadão praticado na rede social chinesa Weibo contribuiu para a verificação de rumores e a busca por fatos verídicos no episódio das explosões de Tianjin em 2015. Ao término desta revisão de literatura, discorre-se acerca da presença do jornalismo cidadão na sociedade contemporânea e em como ele pode contribuir para este atual período histórico.

REVISÃO DE LITERATURA

O estudo realizado por Apuke e Ayih (2019) em três comunidades rurais ao nordeste da Nigéria envolveu a entrevista de 40 participantes selecionados convenientemente para a alusão de uma série de perguntas sobre o jornalismo cidadão, com o intuito de obter as perspectivas e restrições das práticas dessa modalidade jornalística em comunidades rurais do país. Quando é dito que esses candidatos foram selecionados convenientemente, é explicado pelos autores que estes preferiram selecionar participantes que são ativos nas práticas do jornalismo cidadão.

Os resultados obtidos por Apuke e Ayih (2019) revelam que, embora a maior parte dos entrevistados não seja ciente do termo jornalismo cidadão, essa modalidade jornalística é realizada e adotada por eles. Apesar de que, mesmo que grande parte deles incorporem essa prática, ela é conduzida apenas por alguns poucos entrevistados. Esses poucos entrevistados ativos fazem uso massivo de seus dispositivos celulares para o envio de notícias pelo Facebook, Whatsapp e Twitter. Numa análise perspectiva acerca do jornalismo cidadão, os entrevistados salientaram os benefícios democráticos e sociais que a modalidade lhes agrega, dando como principais exemplos as denúncias de excessos cometidos por funcionários do governo, o que acarretou numa revolta da população local que fez com que o governo tomasse postura frente aos abusos cometidos por esses funcionários, os ataques do Boko Haram no local que, graças à rapidez com que a notícia pode ser escrita e divulgada pelos entrevistados, acaba por levar ajuda humanitária mais rapidamente aos necessitados e, também, os vídeos e fotos enviados pelas redes sociais que ajudam a demonstrar os perigos e formas de prevenção do HIV e AIDS, Ebola e outras doenças que afetaram e afetam a região.

Apuke e Ayih (2019) apresentam as respostas dos entrevistados acerca dos obstáculos ao jornalismo cidadão nas comunidades rurais, tendo apontado como principal obstáculo a falta de infraestrutura e pobreza da região, além do alto grau de analfabetismo dos locais. Fatores que, além de tornarem o acesso e a veiculação das notícias mais difícil, ainda acaba por desestimular os participantes da prática.

Enfim, Apuke e Ayih (2019) concluem que, embora o jornalismo cidadão praticado nas comunidades rurais nigerianas ainda tenha um baixo grau de aceitação, suas benesses e perspectivas em relação ao futuro são inevitáveis, levando fatores majoritariamente democráticos e sociais às regiões rurais do país.

Uma preocupação nos tempos atuais, que acaba por dar um infeliz estigma ao jornalismo cidadão, são as "*fake news*". No estudo de Allcott e Gentzkow (2017), que trata o conceito de "*fake news*" como sinais distorcidos não-alinhados à realidade, realizado no intuito de promover uma base teórica sobre o quão influenciável foram, ou poderiam ter sido, as "*fake news*" nas eleições norte-americanas de 2016, que acabaram por eleger o presidente Donald Trump, realizou-se uma pesquisa com 1208 eleitores após as presidenciais e analisou-se uma base de dados com 156 notícias comprovadamente falsas que circularam pelo Facebook 3 meses anteriores às eleições.

Os resultados obtidos por Allcott e Gentzkow (2017), apontam que, embora não possam afirmar que tenha sido provável ou não que as fakes news tenham sido as principais responsáveis pela eleição do presidente norte-americano, as *fake news* são um elemento potencialmente influenciável, em um nível próximo a uma campanha eleitoral veiculada na televisão, visto que se estima que um adulto comum nos Estados Unidos poderia ter se lembrado de uma ou mais *fake news* durante as eleições, além do fato que, no Facebook, das 156 *fake news* coletadas que circularam pelas redes sociais, 115 eram a favor do atual presidente e foram compartilhadas 30 milhões de vezes, enquanto 41 eram a favor de sua principal concorrente à época, Hillary Clinton, e foram compartilhadas 7.6 milhões de vezes, ou seja, houve uma intensa exposição a *fake news* que agiam a favor do atual presidente norte-americano.

Por fim, Allcott e Gentzkow (2017), dizem que as plataformas sociais necessitam e sofrem pressões para resolverem seus problemas com o imenso fluxo de *fake news* circulando nesses meios. Algumas ações já são tomadas atualmente, como o Google e o Facebook removendo ativamente sites que distribuem *fake news* de suas plataformas de recomendações e os primeiros passos do Facebook para

identificar artigos de *fake news* e a veracidade dessas fontes, levantando, no entanto, a dilemas complexos como quem é que decide o que é verdadeiro ou falso na veiculação da informação pelas plataformas sociais.

Dado o dilema anterior e a influência das *fake news* nas plataformas sociais, apontados por Allcott e Gentzkow (2017), há uma outra maneira de se combater os rumores falsos em circulação nessas plataformas usando o próprio jornalismo cidadão, em vez de uma intervenção direta por parte dos seus próprios mantenedores. Zeng, Burgess e Bruns (2019) apontam, em seu estudo, como o jornalismo cidadão praticado por usuários da rede social chinesa Weibo contribuiu para a desmistificação de falsos rumores acerca das explosões de Tianjin, em 2015. Os autores, ao mencionarem o episódio de Tianjin, descrevem-no da seguinte maneira:

On 12 August 2015, a series of explosions took place in the privately held logistics company Rehai Logistics' warehouse in Tianjin, in northern China. In what was one of China's most destructive industrial incidents in recent years, 165 people were killed and another 800 injured. Over 300 buildings and 12,000 cars were damaged (Xinhua, 2016). Due to the large amount of toxic chemicals stored in the warehouse, the explosions seriously polluted much of the surrounding area (Phillips, 2015). Immediately after the blasts, only limited information was cleared for publication in official news outlets (Levin, 2015), and so social media users quickly rushed to fill the information vacuum with video footage, photos, as well as speculation and rumours (ZENG, BURGESS E BRUNS, 2019, p. 2).¹

Em uma introdução sobre a veiculação de informação e seu grau de verificação na indústria jornalística chinesa, Zeng, Burgess e Bruns (2019 apud YU, 2015), informam que, no território chinês, o governo regula ríspidamente todo o aparato midiático, fazendo com que o sistema jornalístico seja uma ferramenta para a propagação de falsos rumores, em uma tentativa governamental de mascarar fatos não convenientes aos seus interesses. Segundo Zeng, Burgess e Bruns (2019), em decorrência desse fenômeno jornalístico chinês, os próprios cidadãos optam por ir

¹ Em 12 de agosto de 2015, uma série de explosões se situaram na empresa de logística privada Rehai Logistics em Tianjin, no norte da China. No que foi um dos incidentes industriais mais destrutivos dos anos recentes. 165 pessoas morreram e outras 800 ficaram feridas. Mais de 300 prédios e 12,000 carros foram danificados (Xinhua, 2016). Devido ao grande volume de tóxicos químicos presentes no armazém, as explosões poluíram seriamente muito da área ao redor (Phillips, 2015). Imediatamente depois das explosões, apenas informações limitadas foram liberadas para publicação em notícias oficiais (Levin, 2015), e portanto os usuários das redes sociais rapidamente se aprontaram para preencher a ausência de informações com vídeos, fotos, além de especulações e rumores (ZENG, BURGESS E BRUNS, 2019, p. 2, tradução nossa).

além das poucas informações dadas pelos meios midiáticos tradicionais e realizam uma busca pela verdade na rede social Weibo. Colocando tanto os supostos rumores do governo quanto outros boatos presentes na própria rede social em um estado de constante verificação para a garantia de sua veracidade ou não.

Para avaliar a efetividade de engajamento social na verificação de informações pelo Weibo, no estudo de Zeng, Burgess e Bruns (2019), foram realizadas análises em três bases de dados. Na primeira estavam os dados de postagens sobre a desmistificação de boatos do incidente em postagens no Weibo, na segunda estavam os dados contendo os comentários nessas postagens sobre a desmistificação de dados e na terceira constavam os fatos que foram avaliados como falsos rumores pela Página da Comunidade do Weibo.

Zeng, Burgess e Bruns (2019) concluem que os usuários demonstraram grande habilidade em tratar rumores para descobrir sua veracidade ou não, em um método cético e extremamente acurado na obtenção de respostas, fazendo uso apenas das ferramentas que uma rede social tradicional contemporânea possui. Contudo, além das ações que esses cidadãos tiveram em trazer à tona esses rumores falsos e revelar o que era de fato verídico, o Weibo tentou implementar um método para auxiliar os cidadãos a julgarem o certo do errado, introduzindo o sistema de verificação comunitária que, às conclusões dos autores, é um risco de abuso em potencial à liberdade de seus usuários, levantando novamente o dilema sobre quem que decide o que é verdadeiro ou falso nas plataformas sociais, além da idiosincrasia midiática chinesa.

CONCLUSÃO

A O estudo de Apuke e Ayih (2019) é bem pertinente, pois sugere que a realidade socioeconômica exclusiva existente na leitura dos países subdesenvolvidos afasta os cidadãos dos segmentos sociais mais baixos de sua própria noção de realidade, tratando-os como elementos dissociados da leitura real daquele povo; expressando-os aos olhos da marginalização midiática. Somada essa caracterização excludente aos olhos midiáticos, tem-se uma população afastada do alicerce informacional e de suas prosperidades, em virtude de uma baixa infraestrutura que possibilite a informação fazer seu percurso entre todas as entidades transmissoras e receptoras no meio social, acabando por isolar essa população do mundo interno e externo.

Contudo, com o jornalismo cidadão, essas comunidades podem, agora, serem ouvidas e participarem, portanto, do processo democrático e social do país.

No entanto, como apontado por Allcott e Gentzkow (2017) em seu estudo, as *fake news* representam um problema grave dentro das plataformas sociais, graças à sua influência e presença constante nesse meio. É, importante perceber que no ambiente do jornalismo cidadão, que opera dentro da mesma infraestrutura social das *fake news*, há uma grave ameaça dessa modalidade jornalística sofrer de uma intensa descredibilização nos próximos anos com o advento desse novo mecanismo de controle informacional das *fake news*, como concluído por Allcott e Gentzkow (2017) em quão influenciáveis elas podem ser.

É, portanto, necessário uma postura para combater essas distorções da realidade, como o que foi constatado no estudo de Zeng, Burgess e Bruns (2019), quando os usuários da rede social Weibo foram membros ativos, na própria plataforma social, no combate aos falsos rumores do episódio das explosões de Tianjin, em 2015. É fundamental, sendo assim, que os usuários adotem, também, uma postura cética e que possam colaborar com o papel do jornalista cidadão para a construção de uma narrativa de fatos que se afastem dos ruídos que distorcem a realidade.

Plataformas sociais hoje em dia tentam combater esses falsos ruídos, como apontado no estudo de Allcott e Gentzkow (2017) e de Zeng, Burgess e Bruns (2019). Mas sempre acabam no dilema de quem deve decidir o que é certo ou errado no meio das plataformas sociais. Por vários interesses ou pressões distintas, uma plataforma social pode ter de se adequar às exigências da indústria, forçando-a, por vezes, a ter de adequar seu ambiente a suas próprias convenções sobre o certo e o errado, transformando uma literatura dos fatos em uma literatura ficcional.

No meio desse dilema das *fake news*, da prosperidade social do jornalismo cidadão e do enfraquecimento de entidades confiáveis, que distanciam um fato de uma ficção nas plataformas sociais, a sociedade global presente no meio virtual encontra-se em um dilema paradoxal, em que seus rumos, ainda incertos, apontam tanto para o jornalismo cidadão como a figura salvadora de uma realidade virtual conturbada em falsos rumores quanto para o jornalismo cidadão como a figura ampliadora da distorção entre fato e ficção das plataformas sociais.

REFERÊNCIAS

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, [s. l.], v. 31, n. 2, p. 211–236, Primavera 2017. DOI 10.1257/jep.31.2.211. Disponível em: https://www.aeaweb.org/full_issue.php?doi=10.1257/jep.31.2. Acesso em: 28 out. 2019.

APUKE, Oberiri Destiny; AYIH, Livinus Jesse. EXPLORING THE ADOPTION AND PRACTICE OF CITIZEN JOURNALISM IN RURAL COMMUNITIES IN NIGERIA. **Journal of Language and Communication**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 27-43, março 2019. Disponível em: [https://fbmk.upm.edu.my/upload/dokumen/20190426154946Vol._6_\(1\)_March_2019.pdf#page=35](https://fbmk.upm.edu.my/upload/dokumen/20190426154946Vol._6_(1)_March_2019.pdf#page=35). Acesso em: 28 out. 2019.

BRUNS, Axel. **Gatewatching and news curation: journalism, social media, and the public sphere**. Nova Iorque: Digital Formations, 2018. 393 p. v. 113. ISBN 978-1-4331-3321-3.

ZENG, Jing; BURGESS, Jean; BRUNS, Axel. Is citizen journalism better than professional journalism for factchecking rumours in China? How Weibo users verified information following the 2015 Tianjin blasts. **Global Media and China**, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 13-35, 2019. DOI DOI: 10.1177/2059436419834124 journals.sagepub.com/home/gch. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2059436419834124>. Acesso em: 28 out. 2019.